

“Returning hate for hate multiplies hate, adding deeper darkness to a night already devoid of stars. Darkness cannot drive out darkness; only light can do that. Hate cannot drive out hate, only love can do that. Hate multiplies hate, violence multiplies violence, and toughness multiplies toughness in a descending spiral of destruction. So when Jesus says “Love your enemies,” he is setting forth a profound and ultimately inescapable admonition. Have we not come to such an impasse in the modern world that we must love our enemies— or else? The chain reaction of evil—hate begetting hate, wars producing wars—must be broken, or we shall be plunged into the dark abyss of annihilation.”

– **Martin Luther King Jr., Strength to Love**

Retribuir o ódio com ódio o multiplica, acrescentando uma escuridão mais profunda a uma noite já privada de estrelas. A escuridão não pode afastar a escuridão: apenas a luz pode fazê-lo. O ódio não pode afastar o ódio; apenas o amor pode fazê-lo. O ódio multiplica a si mesmo, assim como a violência multiplica a violência e a dureza multiplica a dureza em uma espiral descendente de destruição. Então, quando Jesus diz ‘Ame seus inimigos’, ele está expressando uma advertência profunda e, em última instância, inescapável. Já não chegamos a este impasse no mundo moderno: devemos amar nossos inimigos – ou então? A reação em cadeia provocada pelo ódio – ódio gerando ódio, guerras gerando guerras – deve ser quebrada, ou nós seremos arremessados no abismo escuro da aniquilação (Martin Luther King Jr, Strength to Love)

Estamos coletivamente infectadas e infectados pelo romantismo. Ao falarmos de amor, a maioria de nós tem como referência a imagem disseminada pela literatura, pelo cinema, pelas novelas. Amor é acidente, algo que nos atinge sem que possamos escapar, um impulso incontrollável, destino, fado. Fonte de felicidade, quando consumado; de sofrimento e dor, quando não realizável.

O amor tem sido meu foco principal de pesquisa em não-violência. Tenho investigado não só o chamado amor romântico, de "casal" e as possibilidades de vivenciá-lo não como ideal, mas como realidade co-construída e manifestada a cada dia, a partir da diluição dos papéis de gênero, do respeito e da autonomia e do serviço ao coletivo; não só o amor familiar, na busca pela horizontalização das relações ente mães-pais e filhas-filhos e da comunalidade; mas também procurando estender essas dimensões do amor para o convívio com todas as pessoas a partir da noção da interexistência que nos conecta, inclusive, e especialmente, com aquelas com quem me é mais desafiador conviver. O trabalho de Paulo Freire é um lugar para onde sempre retorno nestas investigações, por apresentar o amor como escolha e ação-no-mundo que pode libertar-nos a todas e todos da opressão.

Etimologicamente, a palavra amor vem do vocábulo “amma”, da mesma raiz indo-européia que originou palavras como mãe e amizade.

Diotima de Mantinea foi quem iniciou Sócrates nos mistérios do amor. Ao menos, é esta a história que Platão conta em seu Banquete. Na verdade, todo o conceito de amor que conhecemos como platônico – ou ideal - é desenvolvido nesta obra através da figura da sacerdotisa Diotima. Não sabemos se ela foi uma pessoa real, apesar de sabermos que a maioria das pessoas citadas por Platão existiram de fato. De qualquer forma, não parece ter sido por acaso que ele tenha escolhido a figura de uma mulher para discorrer sobre o amor.

Meus primeiros contatos com a não-violência, através da comunidade de jovens e do amor, cristão e temporal, onde conheci o pai dos meus filhos, com quem fui casada durante 23 anos; retomada do contato através da CNV, tb através do amor por meus filhos, que me motivou a buscar maneiras de cuidar melhor das nossas relações.

O mito do Herói está ultrapassado. A narrativa amplamente disseminada sobre o indivíduo desajustado que supera desafios aparentemente intransponíveis contando apenas com sua força-esperteza-inteligência, que, por fim, é capaz de controlar a natureza selvagem-fundamentalmente, a sua própria - e, como recompensa, descobre-se um "escolhido" não nos serve mais. Cabe a nós, que queremos mudanças, que agimos movidas pelo Amor à Vida e pelo desejo de transformação, recuperarmos a nova-antiga narrativa da interdependência: Natureza e seus entes coexistindo em unidade e colaboração como modo de cuidarmos, em união, do Todo, do qual somos parte integrante e, idealmente, integrada. Neste paradigma, não há necessidade de controle, A Vida flui abundante e se autorregula em sua infinita sabedoria, tanto fora quanto dentro de nós. A questão é aprendermos a respeitar seu fluxo, observando de onde ela nasce e para onde ela quer correr, desbloqueando os caminhos, se e quando necessário.

Acreditar no amor, construir uma vida pautada nos seus princípios e nas ações amorosas é, no meu ponto de vista, um ato de resistência política.